

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE MÚSICA

Nicolau Clarindo Paulo Neto¹

RESUMO: Este é um relato das ações dos acadêmicos de música com orientação da professora da disciplina Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica do 5º período do Curso de Licenciatura em Música da UNIVALI. O público alvo foi a turma do 3º ano do ensino fundamental, da Escola Estadual Básica Pedro Paulo Philippi, com vinte e dois alunos em sala. A contação de história FERNANDES (2011) como recurso didático foi o foco para o ensino da música através da apreciação, utilizando o conceito da “Paisagem Sonora” de SCHAFFER (1991), como referência para a sonorização do conteúdo narrativo da história. As ideias a respeito da necessidade de repetição desenvolvidas por (SUZUKI/sd), foram adicionadas como ponto principal para os estudos das peças musicais que foram preparadas e executadas por cada grupo, obtendo assim resultados mais precisos do ponto de vista técnico e métrico na execução das peças, bem como na disposição dos grupos e na correspondência da organização formal entre a narrativa e as peças musicais na sequência Introdução, parte A, parte B e finalização da história. Os resultados obtidos proporcionaram principalmente aos alunos a consciência da necessidade de disciplina, e do cultivo de relações respeitadas em sala de aula, tanto com os colegas quanto com os professores. Do ponto de vista dos estagiários ficou evidente a validade do tema como recurso pedagógico e não como conteúdo didático.

PALAVRA-CHAVE: Educação Musical. Contação de História. Paisagem Sonora. Apreciação.

1 Introdução

A história faz parte de nossas vidas, sejam elas reais ou fictícias. Desde muito pequenos ouvimos histórias e quando passamos a perceber quão boas são as histórias, tornamo-nos ouvintes efetivos (FERNANDES, 2011, p. 175).

Este artigo aborda as experiências dos estagiários na disciplina de Estágio Supervisionado: Práticas Pedagógicas, do 5º período do Curso de Licenciatura em Música. A prática do estágio foi realizada com os alunos do 3º ano da Escola Estadual Básica Pedro Paulo Philippi, na cidade de Itajaí. A média de idade da turma é de sete a oito anos havendo vinte e dois alunos em sala de aula.

¹ Acadêmico do Curso de Música da Univali – Itajaí. Bolsista da CAPES, vinculado ao PIBID - Programa de Bolsas de Iniciação à Docência.

Na literatura sobre o tema escolhido para o estágio: A contação de história como recurso didático no ensino da música, destacam-se os autores Fernandes (2011), Schumeman e Maffioletti (2011) que enfatizam o desenvolvimento do pensamento por meio da contação de história. Nos autores Dalcroze, Suzuki, Swanwick (2003), Schaffer (1991 e 2009) e Ciavatta (2003 e 2009) estão os métodos relacionados ao conteúdo musical, que facilitaram a relação do planejamento das aulas com o foco nas estratégias e conteúdos trabalhados nas intervenções. Com esse aporte teórico, pensou-se em atividades que pudessem envolver e proporcionar novas possibilidades do fazer musical de maneira alternativa para os alunos, de modo que o tema de estágio teve como foco a ensino musical aliado à contação de história.

Para o trabalho em sala de aula foram utilizados conteúdos que desenvolvessem diversas propriedades da música, aplicando conceitos sobre melodia, pulsação, timbre, harmonia; com atividades de apreciação, criação, percepção e prática em conjunto.

Como estratégia para a prática docente os estagiários utilizaram o violão e a flauta doce e por meio da execução de algumas músicas, os instrumentos auxiliaram na compreensão de noções iniciais de melodia. Num andamento estabelecido pelos estagiários, a ênfase na canção “Peixinhos do mar” do trabalho no rítmico, com a marcação da pulsação do compasso 4/4. O método “O Passo” de Ciavatta (2003) deu o aporte necessário para introduzir atividades que desenvolvessem conceitos sobre ritmo. Também foram utilizados instrumentos musicais (violão, flauta doce e a voz), com o intuito de desenvolver noções de harmonia e o reconhecimento dos diferentes timbres. Foi explorada pelos alunos a criação de timbres relacionando-os com a história. A atividade de apreciação e percepção foi realizada por meio de escuta seguida de dinâmicas de reconhecimento de sons do ambiente. Para a criação dos diferentes sons que seriam utilizados na contação de história foram separados três grupos que exploraram diferentes sons de acordo com o desenvolvimento da história, definindo assim que tipo de sons cada grupo iria executar nas intervenções. Trabalhando a canção, os alunos aprenderam as letras

de “Peixinhos do Mar” de Milton Nascimento e de “Criança não Trabalha” do grupo Palavra Cantada. Na sequência das atividades, houve práticas em conjunto com ensaios gerais das partes da história e a execução dos sons já selecionados.

Como objetivos das intervenções levamos em conta que "Antes do aluno ser atrapalhado com regras, deve familiarizar-se com os sons. Deve-se ensinar-lhe a conhecer os sons, a ouvi-los, a apreciar suas cores e individualidade." (Villa-Lobos, 1946, p. 496) Com o intuito de desenvolver a criatividade, a percepção de novos sons e a prática em conjunto, pensou-se em deixar os alunos se acostumarem com os sons dos instrumentos disponibilizados em sala de aula, para depois prosseguir com os exercícios propostos.

Buscamos na contação de história um recurso didático para que os alunos pudessem compreender e se apropriar de conceitos básicos musicais. Fazendo assim da contação apenas um recurso para o objetivo maior que é o ensino de música, e para melhor fundamentar nossa justificativa buscamos os conceitos de Swanwick, que em entrevista cedida à Gonzaga relatou que:

O essencial é respeitar o estágio em que cada aluno se encontra. Tendo isso em mente, é preciso seguir três princípios. Primeiro, preocupar-se com a capacidade da criança de entender o que é proposto. Depois, observar o que ela traz de sua realidade, as coisas com que também pode contribuir. Por fim, tornar o ensino fluente, como se fosse uma conversa entre estudantes e professor. Isso se faz muito mais demonstrando os sons do que com o uso de notações musicais (GONZAGA, s/d, s/p).

Voltar a atenção à habilidade de transmitir o conhecimento que é construído na Universidade com o propósito de fortalecer o exercício da educação musical tem sido prioridade neste momento, pretendendo-se com isto servir a ideia do importante papel da música como formadora de cidadãos mais sensíveis e capazes de perceber melhor o mundo, a fim de expressarem-se por meio de diversas linguagens.

2 Referencial teórico

No contexto da educação musical ocidental do século XX, foi *Émile Jacques-Dalcroze* (1865-1950) quem primeiro se preocupou com o corpo

como meio para o desenvolvimento não só musical, mas também da personalidade da criança (BRITO, 2003, p.145).

Iniciando o pensamento com a teoria de Dalcroze, utilizamos o método *eurrítmico*, ou seja, Corpo em Movimento, para que os alunos compreendessem os conceitos básicos de tempo, espaço e ritmo aliados ao movimento corporal, que são características do método de Dalcroze. Além disso, uma nova geração de pesquisadores e pedagogos musicais está desenvolvendo abordagens específicas dentro da linguagem rítmica no Brasil, abrindo novas possibilidades de adequar a prática do ritmo aliado ao movimento com relações diretas à métodos consagrados como o de Dalcroze. “O Passo” do autor Lucas Ciavatta (2009) é um exemplo destes métodos que têm sido frequentemente abordados em cursos e oficinas de modo geral, e que auxiliou no processo de construção dos planos de ação do estágio.

A realização musical implica tanto gestos como movimento porque o som é também gesto e movimento vibratório, e o corpo traduz em movimento os diferentes sons que percebe. Os movimentos flexão, balanceio, torção, estiramento etc. e os movimentos de locomoção como andar, saltar, correr, saltitar, galopar etc., estabelecem relações diretas com os diferentes gestos sonoros (RCNEI, vol. 3, 1998, p. 61).

Utilizando o método “O Passo” de Ciavatta, buscamos proporcionar ao aluno a apropriação e compreensão de conceitos básicos de rítmica, associando os movimentos de caminhar, com atividades lúdicas, práticas e de fácil compreensão. Dessa forma o aluno consegue aprender um pouco mais de rítmica sem estar em contato com o aprendizado formal da música, que pode muitas vezes não ser tão estimulante quanto a prática aliada ao movimento.

O passo parte de um andar específico que desloca o eixo do corpo e trabalha necessariamente o equilíbrio. Traz assim a noção de regularidade e possibilita o aprendizado da pulsação. A percepção dessa pulsação diretamente associada ao movimento corporal permite que algo essencialmente abstrato como o tempo possa ser “mapeado”, pois passa a partir do estabelecimento de uma relação direta entre a movimentação corporal e o fazer musical, a ser concreto palpável” (CIAVATTA, 2003, p.36 – 37).

Por conseguinte correlacionamos as intervenções com as ideias de Swanwick por meio do princípio TECLA T – Técnica, E – Execução, C – Composição, L – Literatura, A – Apreciação. Nesse contexto, buscamos trabalhar cada área que esse princípio nos traz, dando um apoio teórico para a nossa prática da docência. Apoiamos-nos princípios *Técnica*, focando na habilidade de tocar instrumentos; *Execução*, a compreensão da forma A e B (introdução, início e fim); *Composição*, a composição das músicas de cada grupo; e *Apreciação*, com atividades de reconhecimentos de sons do ambiente, convencionais e não convencionais como aporte para atividades de criação de timbres.

Com o aporte de Schaffer, foram realizadas atividades de apreciação, utilizando diferentes sons entre os quais, silêncio, ruídos naturais, sons de ambiente e também de instrumentos convencionais, trazendo principalmente ao aluno sons de seu cotidiano, sempre observando as ideias da “A Paisagem Sonora”, conforme trabalhadas por Schaffer em seu livro “O Ouvido Pensante”.

Apropriamos-nos também de três pontos importantes dos conceitos do autor Shinichi Suzuki, a saber: respeito à individualidade, repetição com constante avaliação crítica e repertório comum para facilitar a socialização.

O princípio do método é centrado na criação do mesmo ambiente para aprender música que a criança tem para aprender a sua língua materna. O objetivo é tentar envolver o estudante com a música da mesma forma que ele se envolve com a linguagem quando está aprendendo a falar. O ambiente ideal para isso inclui amor, bons exemplos, elogios, e um determinado tempo de estudo, de acordo com o desenvolvimento do aluno (CENTROSUZUKI, s/d, s/p).

3 A importância da contação de história

Os estagiários apoiaram-se na contação de história utilizando-a como recurso didático, para proporcionar conhecimentos iniciais de música. Os benefícios que esse aprendizado traz são inúmeros, dentre eles, o estímulo da criatividade e da capacidade de memorização, a percepção de novos sons e habilidade de relacioná-los com a literatura.

Brito (2003, p.161) fala que: “[...] a história também pode tornar-se um recurso precioso do processo de educação musical. O faz de conta deve estar sempre presente, e fazer música é de uma maneira ou de outra, ouvir, inventar e contar histórias”.

Partindo das palavras de Brito, podemos ressaltar que a contação de história é um eficiente recurso didático para que a criança assimile o conteúdo musical aliado ao trabalho lúdico, pois ouvir, inventar e contar história também faz parte da música. O pensamento de Swanwick (1939), que Hentschke (2003, p.180) cita em seu livro sobre “composição, apreciação e execução”, destaca estes três pontos como parte do processo que auxilia na ampliação dos conhecimentos musicais das crianças.

Segundo Fernandes (2011), histórias fazem parte de nossas vidas, sendo reais ou fictícias. E quando as percebemos nos tornamos ouvintes efetivos. Schaffer (1991) escreve em seu livro sobre a ideia de “limpeza dos ouvidos”, de modo que o mundo é tão sonoro a ponto de que não prestamos mais atenção nos detalhes e precisamos aprender a ouvir os sons a nossa volta. Partindo deste pressuposto, buscamos atrelar as palavras de Fernandes (2011) com as ideias de Schaffer (1991) de “A Paisagem Sonora”, utilizando assim a contação de história como recurso didático no ensino da música.

Podemos ressaltar que “A sonorização de histórias não é um evento feito uma única vez, repete-se muitas vezes e ao se repetir, torna-se mais refinado e verdadeiro. No entanto, deve-se manter vivo o interesse dos alunos e a participação é um dos fatores de avaliação desse processo” (FERNANDES 2011, p.175). Após ser exposta a história a sonorização da mesma se deu por meio dos sons que foram criados em conjunto entre alunos e estagiários, de modo que “Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos essenciais, isto é, que constituem a sua estrutura” (COELHO, 1994, p.21).

4 Metodologia

O público alvo foi a turma do 3º ano do ensino fundamental com vinte e dois alunos, com idade média de sete e oito anos, sendo realizadas uma visita técnica, uma aula diagnóstica e oito intervenções semanais no período vespertino, na Escola Estadual Básica Pedro Paulo Philippi. As intervenções iniciaram dia 05/04/2013 com sua finalização no dia 07/06/2013, foram ministradas por dois acadêmicos do curso de Licenciatura em Música atuantes como estagiários sob a orientação da professora da disciplina de Estágio Supervisionado.

Após a primeira visita à escola, a direção, o espaço escolar e os demais profissionais, os estagiários tiveram a informação que os alunos não eram familiarizados com o ensino de música na escola, portanto a grande maioria não havia passado por um ensino musical formal.

Com os alunos, o primeiro contato deu-se por meio da apresentação dos estagiários, no qual foi exposto aos alunos como funcionaria as intervenções e de que forma os estagiários utilizariam a contação de história como recurso para o ensino da música.

As estratégias para o desenvolvimento das atividades criavam uma narrativa, onde a intervenção anterior dava o suporte para realização da intervenção seguinte. Assim, este trabalho possuiu um caráter qualitativo, que “diz respeito à questão da representatividade, uma metodologia que trabalha sempre com comunidades sociais, ela privilegia os estudos de caso - entendendo-se como caso, o indivíduo, a comunidade, o grupo, a instituição” (MARTINS, 2004, p.293).

Os materiais utilizados no desenvolvimento das intervenções pelos estagiários foram: instrumentos (percussivos, violão, flauta doce, ganzá, triângulo, agogô, maracas, xequerê), instrumentos percussivos alternativos e baquetas.

5 Relatos de experiência

A escola apresenta um bom espaço físico com pátio, biblioteca, sala de vídeo e informática. Os espaços alternativos não são cobertos, somente a quadra de

esporte e as salas de aula são adequadas para as atividades com público alvo do 3º ano do ensino fundamental.

Primeiramente, os estagiários realizaram uma visita técnica, a fim de conversarem com a direção acerca de qual seria a expectativa da escola em relação à atuação dos alunos nas intervenções. A resposta foi simples: despertar o sensível, com atividades fruitivas de uma forma agradável e prazerosa, nas quais o aluno não se preocupe tanto com os sentidos cognitivos das informações dispostas nas atividades, mas se deleita no prazer da arte em si.

As atividades desenvolvidas pelos estagiários iniciaram-se por meio de escuta e apreciação, da peça Greensleves executada ao violão. Em seguida utilizando a flauta doce, os estagiários tocaram a melodia da canção “Peixinhos do Mar” de Milton Nascimento, para que os alunos pudessem compreender o conceito de melodia. A letra da canção foi trabalhada por meio da repetição, para que os mesmos pudessem decorar e assimilar a canção com auxílio do violão. Utilizou-se o compasso 4/4 com o recurso do método “O Passo”, para dar uma noção inicial de pulsação contextualizando com a canção.

Em seguida, foi falado às crianças sobre o projeto e foi exposta a história “Andando na Cidade” (anexo 1) que fora criada pelos estagiários com contribuições dos alunos para a finalização da mesma. Os alunos sonorizaram a história, utilizando instrumentos alternativos e convencionais, de modo que a mesma foi dividida em duas partes (A e B) com o intuito de organizar a execução. Conforme a história foi sendo apresentada, os alunos exploraram diferentes sonoridades e criaram timbres relacionados com contexto. Logo após os alunos foram separados em três grupos, e cada um realizou diferentes sons que se encaixavam na história. Os sons foram sendo definidos conforme o desenrolar dos fatos (natureza, construções e o que acontece na rua), e cada grupo ficou responsável pela criação e execução nas intervenções.

Por meio de atividades de escuta fundamentadas em Shaffer (1991 e 2009) os alunos de olhos fechados, buscaram ouvir e perceber alguns sons que os estagiários indicavam para que os mesmo pudessem notá-los. Por meio desta

atividade os alunos puderam fazer o reconhecimento de diferentes timbres, ao ouvirem sons do ambiente, apreciá-los e listá-los em uma folha de papel.

Em seguida, com a separação dos grupos e distribuição dos instrumentos, a história e a montagem das partes (Introdução, A e B) foram executadas. Sendo um aluno o protagonista da história e regente dos grupos, o mesmo orientava a todos conforme o desenrolar da história, por meio de sinais de dinâmica, de pausa, escolhendo dois ou três integrantes para tocar os instrumentos em quanto os outros ficavam em silêncio. Com auxílio dos estagiários cada grupo criou e executou diferentes sons, relacionando os sons que já haviam sido definidos anteriormente. Percebemos que todos os alunos gostaram do contato com a música sendo trabalhada por meio da contação de história. As atividades foram realizadas de maneira interativa, por meio de diálogos e contextualização partindo do cotidiano dos alunos, pois, segundo Coelho (1994, p.21), “Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os seus elementos essenciais, isto é, que constituem a sua estrutura”.

Partindo dessas palavras foi trabalhada a história com os elementos já criados anteriormente, com isso a montagem da história deu-se de forma mais cuidadosa, onde os estagiários começaram a atentar-se mais aos detalhes tanto da história como dos sons que iam sendo executados no desenrolar da mesma. Viu-se que os sons inicialmente estavam bem desorganizados, porém no decorrer das intervenções os sons foram se ajustando e ficando cada vez mais compreensíveis com a proposta de cada grupo.

No início é comum que os sons fiquem exagerados e estereotipados. Com a maturação do grupo, percebemos que existem nuances sonoras que nem sempre são ouvidas por nós. É neste momento que entra o trabalho com os conceitos de *ecologia acústica e paisagem sonora*, quando os alunos passam a perceber melhor os sons que nos rodeiam (FERNANDES, 2011, p. 176).

Com o início da organização dos sons e da história, o protagonista/regente utilizou sinais que simbolizassem a intensidade e as pausas (Forte, Piano, etc.). Os

demais alunos tinham como tarefa principal executar os sons propostos com os instrumentos previamente direcionados pelos estagiários nas intervenções anteriores e prestar a atenção no seu regente, para a execução das intensidades e pausas.

Ainda trabalhando com a história foi revisada a parte A e B da história, e como ponto de partida, os estagiários dividiram os grupos, onde cada aluno de cada grupo ficou com seu instrumento alternativo para a execução dos sons. Em seguida com o aluno protagonista, foi revisada a parte A da história, com a execução dos sons já selecionados nas aulas anteriores. Uma dinâmica através da escuta, com o uso do instrumento agogô, foi uma nova atividade proposta aos alunos em diferentes lugares da sala de aula, tocando com intensidades, baixa e alta para que os alunos indicassem em que lugar estava sendo executado o som. Desta vez todos deveriam estar de olhos fechados no momento da identificação da direção do som.

Em outra intervenção os estagiários primeiramente dividiram os grupos, de maneira cada aluno de cada grupo ficou com seu instrumento alternativo para a execução dos sons. Foram expostos para os alunos alguns exemplos de partituras para que eles pudessem executar a métrica proposta para cada instrumento. Em seguida com o aluno protagonista, foi revisada a parte A da história, o qual foi entregue a ele a letra da canção “Criança Não Trabalha” do grupo Palavra Cantada para interpretá-la antes do início da história. Durante o desenrolar da história, cada grupo executou os seus sons já selecionados nas intervenções anteriores. Prosseguindo a história foi executada a parte B juntamente com sua finalização, todos os alunos cantando a canção “Peixinhos do Mar” de Milton Nascimento, batendo palmas e andando no ritmo da música conforme a proposta do método O Passo de Ciavatta (2003) num compasso simples de 4/4, finalizando assim toda a história.

Concluimos as intervenções com dois ensaios gerais para a apresentação final do grupo aos colegas de classe e colégio. Os alunos acompanhados dos estagiários socializaram às demais turmas os conteúdos desenvolvidos durante o estágio. Deu-se início dividindo os grupos de modo cada aluno de cada grupo ficou

com seu instrumento alternativo para a execução dos sons. Em seguida com o aluno protagonista, foi realizada a parte **A** com a introdução da canção “Criança não Trabalha” do Grupo Palavra Cantada. Prosseguindo com a história passamos à parte **B** finalizando com todos cantando a canção “Peixinhos do Mar” de Milton Nascimento. (Aqui é a 8ª intervenção)

6 Discussão e análise

Os estagiários observaram que os alunos estavam bem estimulados por saber que teriam aulas de música, e foi notório que no momento da intervenção os alunos conseguiram compreender e assimilar muito bem as atividades propostas. No decorrer das intervenções os alunos se mantiveram atentos às atividades e não foi constatada alguma dificuldade de aprendizagem no que lhes era proposto. As atividades desenvolvidas foram executadas de forma lúdica e sem se tornarem cansativas.

Os alunos se envolveram com a atividade proposta, na qual se pôde perceber certo entusiasmo e empolgação dos mesmos ao tocar alguns instrumentos convencionais e alternativos. Embora os sons estivessem desorganizados em relação à proposta, com auxílio dos estagiários, os alunos conseguiram assimilar de maneira satisfatória a execução dos sons, compreendendo a história e sua forma (introdução parte A, parte B e finalização).

Com as atividades sendo executadas, as expectativas ascendiam da parte dos alunos para com os estagiários que a cada encontro os envolviam tanto musicalmente quanto afetivamente. Os sons tomaram forma a partir da 4ª intervenção, e acabaram ficando com mais sentido sonoro e métrico.

Em conversa com a professora da sala de aula, percebeu-se um retorno em particular sobre a questão de disciplina dos alunos. O respeito e a disciplina foram trabalhados em conjunto nas intervenções dos estagiários, de modo que era sempre enfatizado para cada grupo que iria produzir o seu som conforme a história, o respeito também ao próximo grupo por meio de silêncio e ordem.

Os estagiários explicaram que a música produzida em conjunto (grupo), tinha a finalidade de unir os sons produzidos por cada pessoa do grupo, e isso gerou uniformidade e maturação sonora no que se diz respeito à execução.

Outro retorno que os estagiários obtiveram em particular foi que nas intervenções, o aluno que foi selecionado para ser o protagonista, era um dos alunos que mais tinha dificuldades de disciplina e respeito para com os amigos, e o mesmo obteve uma evolução notória e seguiu em elogios entre os seus pais e professores em geral.

7 Considerações finais

Acreditamos que devemos permitir ao aluno novas possibilidades do fazer musical de maneira alternativa, proporcionando o conhecimento e a vivência com a música, favorecendo assim o desenvolvimento da observação, da percepção e da criatividade.

Além de conceitos musicais os objetivos das intervenções também foram acrescentar aos alunos uma nova compreensão do que é música e fazê-los perceber o quanto a música é significativa no seu contexto social.

Percebemos que a contextualização e simplificação são fundamentais para o melhor entendimento dos conteúdos e que, através de atividades alternativas e de forma lúdica, pode-se facilitar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. “O professor pode organizar atividades que exijam o aperfeiçoamento das capacidades motoras das crianças, ou que lhes tragam novos desafios, considerando seus progressos.” (RCNEI, p.35, 1998) Acreditamos que o dever dos estagiários (professor) é preparar atividades que possam ajudar a envolver e trazer novos desafios para os alunos.

Considerando que como futuros professores, não podemos nos acomodar com determinados livros e ficarmos nas mesmas estratégias sempre com o mesmo repertório musical. Tendo em vista que a reciclagem de ideias nas atividades sempre é bem vinda, nos aportamos de métodos que nos fazem pensar e repensar

na nossa prática em sala de aula e também nos afasta das velhas metodologias que nos acomodam um fato de quase uma totalidade dos professores que são vistos como acomodados e repetitivos. De acordo com Santiago (1994, p. 226), existe nesses professores "uma tendência à acomodação aos processos por meio dos quais eles próprios foram educados, sem uma exploração de novos métodos". E a autora continua: "ocorre inclusive uma acomodação ao repertório padrão, e ouvem-se dezenas de alunos a repetirem as mesmas obras anos após anos, como se só aquelas existissem fomentando um 'mesmismo' generalizado".

A contação de história utilizada como recurso didático para o ensino da música facilitou o processo de apropriação dos conceitos desenvolvidos nas intervenções. Por meio das atividades lúdicas aliadas à história foi possível a sonorização da mesma com instrumentos não convencionais, transformando os conteúdos ensinados em música.

REFERÊNCIAS

BRITO, Teca de Alencar. **Música na Educação Infantil**: propostas para a formação integral da criança, 2ª edição, São Paulo: Editora Peirópolis, 2003.

CIAVATTA, Lucas. **O Passo: a pulsação e o ensino – aprendizagem de ritmos**. Rio de Janeiro: L. Ciavatta, 2003.

_____. **O Passo: música e educação**, Rio de Janeiro: L. Ciavatta, 2009.

COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1994.

FERNANDES, Iveta Maria Borges Avila (org.). **Brincando e Aprendendo**: um novo olhar para o ensino de música, São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2011.

GONZAGA, Ana. **Keith Swanwick fala sobre o ensino de música nas escolas**. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/arte/fundamentos/entrevista-keith-swanwick-sobre-ensino-musica-escolas-instrumento-musical-arte-apreciacao-composicao-529059.shtml>, s/p, s/d, Acesso 10 em de abril de 2013

HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (Orgs.). **Ensino de Música**: Propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo: v.30, n.2, maio/ago, 2004.

NASCIMENTO, Milton. **Peixinhos do Mar** (Cantiga de Marujada). CD Milton Nascimento - Uma Travessia Musical, Gravadora Independente, CD 3, 1999.

PERES, Sandra; TATIT, Paulo. **Criança Não Trabalha**. CD Canções Curiosas, Gravado Eldorado, São Paulo. 1998.

RCNEI, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Conhecimento de Mundo /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, vol. 3, 1998.

SANTIAGO, Diana. **Processos da Educação Musical Instrumental**, ANAIS - III Encontro Anual da ABEM, Salvador, junho 1994.

SCHAFFER, R. Murray. **O Ouvido Pensante**, Trad. Marisa Fonterrada, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

_____. **Educação Sonora**: 100 exercícios de escuta e criação de sons, São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

SCHUNEMANN, Aneliese Thönnigs; MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque. **Música e história infantis**: o engajamento da criança do 0 a 4 anos na aulas música. Revista da ABEM, Londrina, v.19, n. 26, jul/dez, 2011.

SUZUKI, Centro. **Biografia**. Disponível em: http://www.centrosuzuki.com.br/o_metodo_suzuki.html, s/p, s/d, Acesso em 11 de abril de 2013.

SWANWICH, Keith. **Ensinando Musica Musicalmente**, São Paulo: Moderna, 2003.

VILLA-LOBOS. Heitor. "**Educação Musical**". **Boletim Latino Americano de Música**, abril de 1946.

ANEXO 1

ANDANDO NA CIDADE

BRUNO inicia cantarolando a canção “Criança não Trabalha” do grupo Palavra Cantada.

Lápis, caderno, chiclete, pião. Sol, bicicleta, skate, calção. Esconderijo, avião, correria, tambor, gritaria, jardim, confusão.

Bola, pelúcia, merenda, crayon, banho de rio, banho de mar, pula ceta, bombom. Tanque de areia, gnomo, sereia, pirata, baleia, manteiga no pão.

Giz, merthiolate, band-aid, sabão. Tênis, cadarço, almofada, colchão. Quebra-cabeça, boneca, peteca, botão, pega-pega, pape, papelão.

Criança não trabalha, criança dá trabalho. 2x

Narrador - Certo dia BRUNO estava passando pelas ruas de Itajaí e começou a reparar nos sons que lhe vinha nos ouvidos. Na primeira esquina ele ouviu um som bem familiar.

Narrador - Mais à frente ele se depara com a construção de um prédio. E falou consigo mesmo:

Protagonista - “prefiro o som de pássaros, é muito mais bonito e calmo”! Será que haverá em outros lugares, diferentes sons para se ouvir?

Narrador – Andando mais à frente ouviu outros sons que costuma ouvir na TV, eram sons de carros buzinando, pessoas conversando e todo tipo de sons que ouvimos nos filmes. Pensando diz:

Protagonista - “como esses sons são tão diferentes dos outros, mesmo assim ainda prefiro os pássaros cantando”.

Narrador - Voltando para casa em seus passos ritmados, pensando nos novos sons que havia conhecido, ele canta uma melodia bem conhecida. “Quem me ensinou a nadar, Quem me ensinou a nadar, Foi, foi marinheiro, Foi os peixinhos do mar”.